

AUTORITARISMO ESTADUAL

Luiz Carlos Bresser-Pereira

Folha de S. Paulo, 10.11.1981

Enquanto no plano nacional a sociedade consegue pressionar com o êxito o Governo no sentido da redemocratização, no plano estadual mergulhamos em um autoritarismo da pior espécie. Depois do desafogo representado pelo Governo Paulo Egídio, o Governo Maluf configura-se não apenas como o mais desmoralizado, mas principalmente como o mais autoritário dos governos estaduais desde 1964.

Dois fatos ilustram de maneira clara esse autoritarismo: os assassinatos em série praticados pela Polícia Militar e particularmente pela ROTA, transformada em novo esquadrão da morte oficializado, e a intervenção na UNICAMP.

Todo regime autoritário baseia seu poder na repressão, que a ROTA caricatural, mas tragicamente representa, e na negação da cultura, que a intervenção na UNICAMP demonstra.

Paradoxalmente a UNICAMP nasceu e transformou-se em uma das grandes universidades brasileiras em pleno período da ditadura. Isto foi possível porque um educador com grandeza e visão, Zeferino Vaz, foi capaz de transformar a nova universidade em uma ilha de liberdade e de inovação intelectual. E o faz cercado-se de um grupo de intelectuais com espírito empreendedor, que foram capazes de recrutar outros intelectuais de alto nível, muitos deles ex-cassados ou exilados, sem medo da concorrência que estes representariam. O caso do Instituto de Ciências Humanas, que conheço melhor, é exemplar nesse sentido. A partir de um pequeno grupo de economistas que se constituiu no núcleo do Instituto, Zeferino Vaz foi capaz de criar um centro de cultura, de pesquisa e de liberdade que honra este país. Estou informado que fenômeno semelhante aconteceu nos demais institutos.

Ao invés de adotar a postura medíocre e burocrática de crescer apenas com os quadros formados na própria universidade, os fundadores da UNICAMP trouxeram intelectuais já consagrados. E como não se atemorizaram com a concorrência também não se

preocuparam com títulos acadêmicos burocráticos. Preocuparam-se antes com o alto nível da produção acadêmica dos que estavam sendo contratados.

Agora, em nome de formalismos burocráticos, a UNICAMP sofre brutal intervenção. O objetivo do governador e de seus acólitos nesse ato é claro. A Universidade preparava-se para eleger democraticamente a lista sêxtupla de candidatos a reitor. E nesta lista não deveria aparecer quaisquer candidatos submissos ao governador.

Diante desse fato, para um espírito autoritário não haveria outra coisa a fazer senão intervir. Foi o que foi feito. Resta saber agora se a intervenção terá êxito. Porque o autoritarismo é bem sucedido quando duas condições se cumprem: quando o ditador dispõe da força bruta apoiado em elementos externos ao sistema, ou quando internamente seu autoritarismo tem o apoio declarado ou por omissão, de um número considerável de membros do próprio sistema.

No caso da UNICAMP o poder externo do governador existe, mas é relativo, formal já que a sociedade como um todo tende a democratizar-se. E o poder interno é praticamente inexistente. A reação dentro da Universidade tem sido magnífica. Os oito interventores desistiram ou foram repudiados. A UNICAMP está mobilizada não apenas em sua própria defesa, mas também em defesa da universidade e da cultura brasileira, que ela neste evento representa. É preciso que também a sociedade civil se mobilize com ela e repudie esse autoritarismo fora do tempo imperante no Governo do Estado de São Paulo. (10/11)